

A Literatura Apocalíptica e o Livro dos Vigilantes: O Problema do Mal no Livro Etíope de Enoque

SILVA, Ângelo Vieira. *A Literatura Apocalíptica e o Livro dos Vigilantes: o Problema do Mal no Livro Etíope de Enoque*. Dissertação de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória – ES, 2013.

Os Anjos proporcionaram-me a visão d’Ele, e deles é que eu aprendi tudo; por meio deles também me foi dado compreender as coisas que pude ver, mas não em relação à geração presente, mas sim em relação a uma geração futura. (1 Enoque 1.1)

É bom que as literaturas apocalípticas do passado estejam sendo redescobertas. (Paul D. Hanson)

Não foram poucos teólogos, estudantes da religião e curiosos que, ao indagarem sobre o tema desta dissertação, descreviam a literatura apocalíptica como o próprio Apocalipse canônico de João ou como a escatologia enquanto matéria da teologia sistemática cristã; até mesmo suporam que fosse alguma das hermenêuticas milenaristas mais recentes, como o dispensacionalismo. A maioria das indagações, entretanto, tinha fulcro no desconhecimento dos interlocutores sobre esse campo de estudo. Desenvolvido um espanto inesperado, gerou-se uma suspeita diária que a apocalíptica necessitava ser mais evidenciada; o que estava obscuro precisava ser esclarecido ou, literalmente, revelado.

Apesar disso, a temática está em constante ascensão entre os estudiosos. Como atestam Paul D. Hanson¹ e George W. E. Nickelsburg²,

¹ Professor na Faculdade de Teologia da Universidade de Harvard, USA, e considerado um dos maiores especialistas na área de apocalíptica, profecia hebraica, literatura judaica do Segundo Templo e religião das antigas culturas mesopotâmicas e Egito.

² Especialista em literatura do Segundo Templo e professor emérito na Universidade de Iowa, USA, no Departamento de Estudos da Religião.

ocorreu uma mudança dramática nas últimas duas décadas quanto à apocalíptica, uma vez que novos estudos, artigos, ensaios monográficos, cátedras em estudos judaicos em universidades, cursos, etc., têm demonstrado convincentemente o crescimento desse tema no mundo acadêmico. Assim, a dissertação instrumentaliza-se como um ensaio vigoroso em creditar valor a um conteúdo desconhecido, outrora esquecido, mal interpretado ou, até mesmo, ignorado.

Naturalmente, há problemas quanto ao significado latente da literatura apocalíptica, da obra enóquica e da explicação sobre o mal advindo aos homens pelos Vigilantes caídos. Também há dificuldades preconceituosas em boa parte dos pesquisadores de textos bíblicos³ (principalmente os protestantes, círculo de onde proveem as maiores críticas a apócrifos⁴ e pseudoepígrafos). No entanto, a despeito dos apócrifos e pseudopígrafos ficarem “fora do cânon judaico e cristão, não deixaram por isso de constituir verdadeiros desenvolvimentos da tradição bíblica anterior, oral ou escrita”⁵. Assim, entre o oculto, o preconceito⁶ e uma proposta tolerante, a utilização de um texto pseudoepígrafado – seja pelos argumentos da familiarização, fins de ênfase, simpatia ou validação da profecia, dentre outros – não compromete o teor do texto canônico, tanto para esse como para aquele.

³ Para mais pontos de vista acerca das obras apócrifas e pseudo-epígrafas, consulte, por exemplo, McARTHUR, John. *Novo Testamento: Comentário*. Chicago: Moody Publishers, 2005, p. 62; GREEN, Michael. *2 Pedro e Judas: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 169; BOOR, Werner. *Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas*. Curitiba: Esperança, 2008, p. 176; CALVIN, John. *Commentaries on the Epistle of Jude*. Michigan: Grand Rapids, 1979, p. 442-443; BRUCE, F. F. *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Vida, 2008, p. 2000; BARCLAY, William. *Judas*. São Paulo: Vida, 1989, p. 53.

⁴ Ver o conceito de apócrifo usado por Jerônimo em GABEL, J. B. & WHEELER, Charles B. *A Bíblia como Literatura*. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 1990, p. 158.

⁵ BARRERA, Julio Treballe. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 207.

⁶ COLLINS, John J. *A Imaginação Apocalíptica: uma Introdução à Literatura Apocalíptica Judaica*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 17. Esse preconceito também se dá pelo esoterismo, atribuindo à obra enóquica as origens da Cabala, como sugerido em PUGLIESI, Márcio & LIMA, Norberto de Paula (Trads.). *O Livro de Enoch: o Livro das Origens da Cabala*. Curitiba: Hemus, 2003. Consulte também Reed, 2005, p. 2; e LAURENCE, Richard. *The Book of Enoch, the Prophet*. Oxford: S. Collingwood, 1838, p. LV.

Não é adequado rechaçar quaisquer literaturas não canônicas sem um minucioso estudo de caso, pelo menos. O pseudoepígrafo livro etíope de Enoque (composto entre os séculos IV a. C e I e. C.⁷), por exemplo, pode ser fatalmente excluído de círculos acadêmicos, sua possível contribuição aos escritos judaicos e sua utilização no cânon bíblico não ser explicada ao cristão⁸ e seu valor literário esquecido. Há esperança, porém; é o alvorecer da apocalíptica!

Para tanto, a natureza geral das fontes dessa pesquisa foi bibliográfica. Para o campo da literatura apocalíptica e o estudo de caso quanto ao problema do mal, os referenciais teóricos são os já citados peritos americanos P. D. Hanson, John J. Collins⁹, G. W. E. Nickelsburg, Annette Yoshiko Reed¹⁰, dentre outros. A fonte primária do livro enóquico será a tradução da obra publicada pela Editora Cristã Novo Século¹¹, bem como os livros singulares de James H. Charlesworth¹².

⁷ Procurou-se utilizar uma terminologia cronológica mais neutra, tendo como determinante a existência comum de Judaísmo e Cristianismo: consequentemente, a Era Comum (E.C.) e antes da Era Comum (a.E.C.). Dentre outros, esse é o modelo utilizado por NICKELSBURG, 2011, p. 31.

⁸ A despeito do tempo atual e do assunto principal da dissertação, inteirar-se que há muitas discussões na história da Igreja cristã sobre a possível utilização de um pseudoepígrafo em textos canônicos é indispensável. Mesmo que não seja o foco aqui, para mais detalhes sugere-se as obras de TERTULIANO; *The Apparel of Women*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2004, p. 6; e SCHAFF, Philip. *Nicene and Post-Nicene Fathers*. Series II – Vol. 3. Michigan: Christian Classics Ethereal Library, 1892, p. 832; e NICHOLAS Jr., William C. *I Saw the World End: an Introduction to the Bible's Apocalyptic Literature*. New Jersey: Paulist Press, 2007, p. 16; e HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1983, p. 294; e FABRIS, Rinaldo (Org.). *Problemas e Perspectivas das Ciências Bíblicas*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 48.

⁹ Professor de crítica e interpretação do Antigo Testamento na Faculdade de Teologia de Yale, USA. Pesquisador nas áreas de apocalíptica, sabedoria, judaísmo helenístico, manuscritos do Mar Morto, textos hebraicos e obras do período do Segundo Templo.

¹⁰ Doutora pela Universidade de Princeton, USA, especialista em Judaísmo do Segundo Templo e línguas antigas, incluindo o etíope Ge'ez.

¹¹ RODRIGUES, Cláudio J. A. *Apócrifos da Bíblia e Pseudepígrafos*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004, p. 260-275.

¹² Especialista em literatura enóquica, livros apócrifos e pseudoepígrafos nas Biblias hebraica e cristã. Professor de literatura e linguagem do Novo Testamento e Diretor do Projeto “Pergaminhos do Mar Morto” do Seminário Teológico de Princeton – USA.

Metodologicamente, além da introdução e considerações finais, há três divisões que se constituíram os três capítulos da dissertação. A proposta foi centrípeta, ou seja, considerando o estudo de caso (o problema do mal no Livro dos Vigilantes) como o centro da pesquisa, o texto se dirigiu para seu propósito de fora (estudo da literatura apocalíptica) para dentro (exame do Livro dos Vigilantes). O objetivo foi procurar aproximar-se eficazmente do centro, solidificando um bom texto em português e concluindo a dissertação com êxito.

A busca pelos elementos constitutivos da apocalíptica está profundamente presente nos livros sobre o assunto e é um desafio conhecido dos especialistas da área. Todo o esforço se concentra na procura ou definição da estrutura e conteúdo da literatura apocalíptica, como o paradigma-mestre sugerido por John Collins¹³. O procedimento não pode mudar, visto que é fundamental para a compreensão dos textos desse gênero peculiar aos judeus. Identificar as noções elementares da história e do conteúdo que formaram a apocalíptica é o que se propõe elaborar na dissertação.

Mesmo que as origens da apocalíptica sejam aparentemente obscuras¹⁴, a busca por fontes de pesquisa para essa dissertação corrobora com um posicionamento de John Collins: definitivamente, há uma quantidade extraordinária de literatura acadêmica que se devotou à busca das origens da apocalíptica e ao entendimento de que um apocalipse não é simplesmente um gênero conceitual da mente, mas é gerado por circunstâncias sociais e históricas¹⁵.

Note: a apocalíptica é resultado de tais circunstâncias como um “Panfleto ou Memorial para a época”¹⁶. A importância dessa afirmação está na contribuição indiscutível de tais momentos para a formação do gênero literário. É possível afirmar que na denominada Antiguidade, a partir do século III a. C., já existia uma tradição de ideias apocalípticas¹⁷,

¹³ COLLINS, John J. (Ed.). *Apocalypse: The Morphology of a Genre*. Semeia 14, 1979, p. 5-8.

¹⁴ RUSSELL, 1997, p. 7.

¹⁵ Ainda que se tenha poucas informações sociológicas sobre os movimentos que produziram a literatura apocalíptica judaica, segundo COLLINS, 2010, p. 43, 46; COLLINS, 1979, p. 21.

¹⁶ RUSSELL, 1997, p. 35.

¹⁷ BARRERA, 1999, p. 231; e RUSSELL, 1997, p. 5.

mesmo que não se possa afirmar “que a apocalíptica mais antiga seja fruto único de uma reação contra o helenismo”¹⁸.

É indispensável, portanto, conhecer as circunstâncias típicas, histórico-sociais, que formaram a literatura apocalíptica, pois os textos desse gênero partilham “um grupo significativo de características que o distinguem de outras obras”¹⁹. Em tese, as informações obtidas em pesquisa foram condensadas em dois aspectos constituintes fundamentais: uma literatura resultante de perseguição e uma literatura composta por diversas fontes.

Por isso, os caracteres distintivos da literatura apocalíptica sugeridos não são uma listagem comum e esgotada, mas pretendem verificar e expor as características essenciais do conteúdo mais evidentes nessas obras pluriformes, dedicando-se à construção de uma estrutura coerente, ao exemplo de Semeia 14, objetivando “conferir precisão” ao *corpus* apocalíptico²⁰. Nas pesquisas destacaram-se muitos princípios que precisaram ser abreviados em, pelo menos, dez aspectos principais, a começar de uma forte perspectiva escatológica: a perspectiva escatológica, a significação histórica, a defesa radical dos justos, a utilização de pseudônimos²¹, a qualificação hermética, a manifestação de visões, a eficiência simbólica, a natureza dramática, o antagonismo dualista e a recriação do cosmos.

Considerando a apocalíptica como a literatura de resistência dos oprimidos e a necessidade de resolver um problema histórico a partir da justiça divina, a obra imputada a Enoque, “o livro dos Vigilantes, tem características marcantes de uma teodiceia”²², ou pelo menos abarca tentativas de enfrentar experiências mal atribuídas a permissão divina²³, ou, quem

¹⁸ Em virtude de dispormos de um corpo de escritos enóquicos cuja composição pode ser datada meio século antes da revolta dos macabeus e também anterior à composição do apocalipse canônico de Daniel, de acordo com BARRERA, 1999, p. 232, 233-234; e STONE, Michael E. *Select Studies in Pseudepigrapha & Apocripha with Special Reference to the Armenian Tradition*. Leiden: Brill Academic Pub, 1991, p. 194.

¹⁹ COLLINS, 2010, p. 21.

²⁰ COLLINS, 2010, p. 22, 23.

²¹ Pseudoepígrafos significa “*com falsa subscrição*”, já que são escritos sob nome presumido, de acordo com RUSSELL, 1997, p. 20; ver também GABEL & WHEELER, 1990, p. 164; e DITOMASSO & TURCESCU, 2008, p. 468.

²² TERRA, 2010, p.48.

²³ NEUSNER, 2003, p. 87.

sabe, enfatiza que o evento não nega a origem sobre-humana do mal, mas mantêm os seres humanos responsáveis pelas ações pecaminosas que cometem²⁴. No momento que propõe conciliar Deus e a religião em face do mal ou ser uma tentativa²⁵, a própria teodiceia se torna um problema.

Pensar na origem do mal significa determinar o que precisa ser combatido, com o quê ou contra quem se precisa lutar... o (s) adversário (s). A queda e/ou rebelião angelical consegue tornar o mal no mundo uma realidade independente de Deus e, posteriormente, contra o Criador e a criação. Assim, definitivamente, a apocalíptica cria um mundo oculto de anjos santos e rebeldes, cuja ações são diretamente relevantes para o destino dos homens. Disso deriva o pensamento apocalíptico adaptado da religião persa: “uma luta entre um princípio do bem e um princípio do mal”²⁶.

O mal se originou na rebelião angelical e se proliferou mediante ensinamentos indevidos dos vigilantes caídos aos filhos dos homens, bem como na união sexual ilícita desses com as filhas dos homens. Aparentemente, os anjos podiam ensinar aos homens o que era permitido por Deus, já que o escriba da justiça inicia suas palavras informando que aprendeu tudo com os anjos, os Vigilantes (1 Enoque 1.1), um destaque apropriado para a epígrafe dessa dissertação. Nesse ínterim, o problema do mal que vitimiza a humanidade pode ser dividido em, pelo menos, dois aspectos: os ensinamentos proibidos²⁷ (o mal na manufatura, na feitiçaria, na adivinhação) e o nascimento e a violência dos gigantes.

A proliferação do mal se amplifica com o resultado da união sexual ilícita dos anjos caídos com as filhas dos homens. Apesar de receptoras e transmissoras do conhecimento adquirido, mais uma vez, qualquer mal oriundo da humanidade é despido pelo imaginário de mulheres que não agem por conta própria, mas são violadas pelos vigilantes rebeldes.

²⁴ SACCHI e COLLINS apud NEUSNER, 2003, p. 127-128.

²⁵ BIRNBAUM, David. *God and Evil: a Unified Theodicy, Theology, Philosophy*. 5th ed. Hoboken: Ktav Publishing House, 1998, p. XVIII. Também se sugere a leitura dos principais tipos de Teodicéia resumidos por SAYÃO, 2012, p. 36-39.

²⁶ BLANK, 2008, p. 39.

²⁷ Harmonizo minha opinião com Reed que, acertadamente, percebeu e criticou o fato de poucos estudos em apocalíptica tratarem dos ensinamentos proibidos em primeiro plano, em REED, Volume 1, 2002, p. 34. De fato, a grande maioria dos textos que examinam o Livro dos Vigilantes (ou parte dele) se dedicam ao Mito dos Vigilantes (1 Enoque 6-11) e sua possível releitura (1 Enoque 12-16).

Grávidas, as mulheres geraram os mega-gigantes, “bastardos”²⁸, que consumiram todas as provisões de alimentos dos demais homens.

Em síntese, o Livro dos Vigilantes é uma resposta à origem do mal. No texto, os anjos rebeldes, os gigantes e os demônios são a causa fatídica do mal no mundo. A humanidade, por sua vez, é vítima do mal advindo dos céus. Portanto, a expansão do conjunto de tradições substanciais existentes na época do escrito resultaram em uma explicação apocalíptica da etiologia e desenvolvimento do mal no meio da humanidade.

Concordando com Hanson e John Collins e, em parte, com Nickelsburg, a conjunção de elementos que dá origem e vida à apocalíptica, indubitavelmente, envolve o problema do mal como justificativa para o pessimismo, o determinismo, o dualismo, o messianismo, dentre outros. O mito responde “a perguntas pela existência e problema do mal e dos seres malignos no mundo, dando sentido e servindo de interpretação da história vivida”²⁹. Naturalmente, o modelo enóquico é um dos três³⁰ agrupamentos de elementos encontrados nos mitos judaicos sobre o advento do mal no mundo.

²⁸ BLACK, Matthew & VANDERKAM, James C. *The Book of Enoch or 1 Enoch*. Leiden: Brill Academic Pub, 1985, p. 14-15. São também conhecidos pelo termo “*nephilim*”, termo tratado principalmente como nome próprio ou designação de uma raça mítica de gigantes. Para tal tema, recomendo o texto de Ronald Hendel em AUFFARTH & STUCKENBRUCK, 2004, p. 11-34.

²⁹ TERRA, 2010, p. 30.

³⁰ Os outros dois modelos são o Adâmico e um modelo de transição. Cf. BARRERA, 1999, p. 232.